

# Ecolinguismo e Línguas Minoritárias



Alberto Gómez Bautista  
Lurdes de Castro Moutinho  
Rosa Lília Coimbra  
(coordenação)



universidade de aveiro  
theoria poiesis praxis



## FICHA TÉCNICA

### TÍTULO

*Ecolinguismo e Línguas Minoritárias*

### COORDENADORES DO VOLUME

Alberto Gómez Bautista, Lurdes de Castro Moutinho & Rosa Lúcia Coimbra

### EDITORA

UA Editora

Universidade de Aveiro

Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

1.<sup>a</sup> edição – março de 2017

### CAPA

Poial em Sendim, foto de Alberto Gómez Bautista

ISBN 978-972-789-496-3

### APOIOS



**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



Textos do

***Colóquio Internacional sobre Ecolinguismo e Línguas Minoritárias.***

***Uma homenagem a Amadeu Ferreira***

15 e 16 de junho de 2016 - Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro  
17 e 18 de junho de 2016 - II Jornadas de Língua e Cultura Mirandesas, Miranda do Douro

**Página web do evento :**

<http://cllc.web.ua.pt/vl/pt-pt/node/12>

**Contacto :**

[dlc-variacaolinguistica@ua.pt](mailto:dlc-variacaolinguistica@ua.pt)

## NOTA INTRODUTÓRIA

Nos dias 15 e 16 de junho de 2016 teve lugar, no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, o *Colóquio Internacional sobre Ecolinguismo e Línguas Minoritárias. Uma homenagem a Amadeu Ferreira*. O objetivo desta iniciativa foi o de reunir estudiosos, investigadores e docentes que se ocupem da análise e divulgação da diversidade linguística.

Para além das comunicações orais apresentadas, foi também realizada uma mostra fotográfica sobre Terras de Miranda e a apresentação de um livro de poemas bilingue mirandês/português.

A seguir aos trabalhos em Aveiro, foi dada continuidade ao colóquio em Miranda do Douro, nos dias 17 a 19 de junho, em articulação com a Câmara Municipal de Miranda do Douro. Os trabalhos prosseguiram aí com as *II Jornadas de Língua e Cultura Mirandesas: Uma Homenagem a Amadeu Ferreira*. Com o intuito de homenagear Amadeu Ferreira, escritor e ilustre defensor do património cultural mirandês, pretendeu-se, com esta iniciativa, divulgar, estudar, analisar e valorizar a sua obra e, em simultâneo, a língua, literatura e cultura mirandesas.

A Comissão Organizadora do colóquio foi constituída por: Alberto Gómez Bautista (CLLC, Universidade de Aveiro), Alfredo Cameirão (Câmara Municipal de Miranda do Douro), Artur Nunes (Presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro), Carlos Ferreira (Presidente da Associação da Língua e Cultura Mirandesa), Lurdes de Castro Moutinho (CLLC, Universidade de Aveiro), Mário Correia (Câmara Municipal de Miranda do Douro) e Rosa Lúcia Coimbra (CLLC, Universidade de Aveiro).

Da Comissão Científica do colóquio fizeram parte os seguintes elementos: Alberto Gómez Bautista (CLLC, Universidade de Aveiro), Andrés José Pociña (Universidade de Extremadura, Espanha), João Manuel Torrão (CLLC, Universidade de Aveiro), Lurdes de

Castro Moutinho (CLLC, Universidade de Aveiro), Maria Teresa Cortez (CLLC, Universidade de Aveiro), Maria Teresa Roberto (CLLC, Universidade de Aveiro), María Victoria Navas Sánchez-Élez (Universidad Complutense de Madrid), Perpétua Gonçalves (FLCS, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo), Rosa Lídia Coimbra (CLLC, Universidade de Aveiro) e Tabita Fernandes da Silva (Universidade Federal do Pará).

O presente volume reúne textos selecionados provenientes de comunicações apresentadas neste evento.

Aveiro, março de 2017

Os coordenadores

## ÍNDICE

**1. TEXTOS DE COMUNICAÇÕES**

Alberto Gómez Bautista Línguas e variedades fronteiriças de Portugal .....	11
Alcides Meirinhos Ls caminos mediebales na Tierra de Miranda .....	29
Alfredo Cameirão Fazer L nono anho an Mirandés. L porcesso de reconhecimento, balidaçon i certeficaçon de cumpetências an Lhégua Mirandesa. L causo de San Pedro de la Silba .....	37
Francelino Wilson & Vasco Magona Uma análise autossegmental de /s/ em raízes verbais do Ciyaawo contemporâneo .....	47
Helena Rebelo Do Mirandês ao Madeirense: A Génese das Escritas Fonéticas .....	59
Luís Fernando Pinto Salema Polimorfismo, desterritorialização e contacto entre línguas: o judeu- espanhol no espaço ecolinguístico da península balcânica .....	97
Lurdes de Castro Moutinho & Alberto Gómez Bautista Uma primeira abordagem ao estudo da prosódia da língua mirandesa .....	117
Maria Helena Ançã Alguns cabo-verdianos em Portugal: relações entre as Línguas Cabo- verdiana e Portuguesa .....	141
Maria Teresa Roberto A natureza adjuvante ou oponente das línguas francas na sustentabilidade das línguas minoritárias.....	161

Sérgio Ferreira & Cláudia Martins  
Capital tradutológico e a defesa da língua mirandesa ..... 183

Xosé-Henrique Costas González  
A protección do aranés: un exemplo para as minorías lingüísticas ibéricas..... 223

## **2. LANÇAMENTO DE LIVRO E MOSTRA FOTOGRÁFICA**

Adelaide Monteiro  
Livro de poesia *Bózios, Retombos i Siléncios - Gritos, Ecos e Siléncios*, da escritora Adelaide Monteiro, apresentado por Alcides Meirinhos ..... 249

Alcides Meirinhos  
Mostra de fotografias sobre Terras de Miranda ..... 253

**DO MIRANDÊS AO MADEIRENSE:  
A GÉNESE DAS ESCRITAS FONÉTICAS**

Helena Rebelo



## DO MIRANDÊS AO MADEIRENSE A GÊNESE DAS ESCRITAS FONÉTICAS

Helena Rebelo

Universidade da Madeira (FAH e CIERL)

CLLC da Universidade de Aveiro

### Resumo

Em princípio, uma língua comporta uma vertente oral que pode ganhar uma dimensão escrita, tendo, por definição, duas faces. Mesmo se não a adquire, esta última tem uma existência potencial que pode surgir em qualquer altura evolutiva da componente oral. Se nunca se tornar visível pela escrita, assim que as populações deixarem de falar a sua língua, ela desaparecerá sem deixar rastro. Isso não aconteceu ao Latim porque, enquanto língua morta, se encontra vivificada nos textos escritos que a imortalizam. Veja-se o caso da Língua Portuguesa que completou, em 2014, 800 anos de história, contabilizados a partir do Testamento de D. Afonso II, datado, portanto, de 1214. Todavia, antes de ter este cariz escrito, sobejamente manifestado na Poesia Trovadoresca, com uma raiz Galaico-Portuguesa, era falada pela população, que não usava a Língua Latina Clássica e não sabia escrever. Quem dominava esta arte de gravar a fala fazia-o com flutuações evidenciadas no que se veio a designar como “polimorfismo”. Logo, facilmente se verifica que falar vem antes de escrever: é também assim com a aprendizagem linguística de cada “falante”, ou seja, aquele que fala porque usa a língua, mas também pode saber escrever, desde a infância. É o que sucede com as línguas naturais, as que são faladas, antes de terem escrita. Esta bifacialidade dinâmica das línguas é idêntica para as variedades linguísticas.

Aconteceu com a população das terras do Planalto Mirandês, por se ter habituado a falar, desde, segundo consta, a Idade Média, de um modo muito específico e bastante diverso do de outras populações portuguesas. Foi a proximidade com o Reino de Leão que acentuou esta singularidade linguística, tendo de esperar pelo final do século XX para ser reconhecida, legalmente, como a segunda língua oficial de Portugal. Ganhou, então, um pendor escrito que não tinha quando se formou. Observar a génese da escrita, marcadamente fonética, do Mirandês, para quem se acostumou a olhar para a variedade madeirense, ouvindo-a diariamente, é motivo de reflexão. Poderá a variedade regional referida ganhar uma escrita como aconteceu com o Mirandês e sucede com todas as línguas ou variedades que levam séculos a adquirir uma vertente ortográfica? Até que ponto terão semelhanças, a nível gráfico, as duas manifestações linguísticas regionais tão afastadas uma da outra? Não será a “escrita fonética” uma delas? Ao procurarem dar uma escrita ao modo de falar das populações, podem os escritores destas regiões trazer informação pertinente para compreender a origem da escrita das duas manifestações linguísticas regionais portuguesas? A Literatura constitui uma mais-valia para os estudos das línguas, incluindo a questão da escrita de línguas que possuem apenas vertente oral, adquirindo, posteriormente, escrita. Propõe-se, aqui, compreender a génese das escritas fonéticas,

partindo da comparação de algumas particularidades de ambas as realidades linguísticas, insistindo, porém, mais detalhadamente no léxico da variedade regional madeirense, através da análise de uma recolha decorrida em 1999 com mais de uma centena e meia de vocábulos considerados regionalismos por inquiridos madeirenses.

### **Palavras-chave**

Mirandês, Madeirense, Língua, Variedade, bifacialidade linguística, Escrita fonética.

### **Abstract**

Normally, a language includes an oral component that can make a written dimension, and, by definition, it has two faces. Even if not acquired, this one has a potential existence that can arise at any time of the oral component. If not become visible in writing and none no longer speak the language, it will disappear without a trace. It did not happen to Latin because, while dead language, is reunited in written texts that immortalize it. Take the case of the Portuguese language which, in 2014, has completed 800 years of history, counted from the Testament of Afonso II, dated, therefore, by 1214. However, before having written, its oral face, amply manifested in Poetry troubadour, with a Galician-Portuguese roots, was spoken by the people who did not use the Classical Latin language and could not write. Who mastered this art of recording the speech made it with fluctuations evidenced in what came to be known as "polymorphism". How easily can be seen, talk comes before writing: it is also so in the beginning of the language learning for each "speaker" (one who speaks the language because it uses, but can also know how to write it), since childhood. It is this way with the natural languages that are spoken, before they have written. This dynamic two faces of languages is identical for the language varieties.

This happened to the people of Miranda do Douro region who have used to speak, since, as noted, the Middle Ages, in a very specific way and quite different from other Portuguese populations. The proximity to the Kingdom of León contributed to accentuate this linguistic uniqueness, which had to wait for the twentieth century to be recognized legally as the second official language of Portugal. This language won to be written, an inexistent possibility at the beginning. To observe this written genesis, markedly phonetics, for those who got used to look at the Madeiran variety, listening it day after day, it is cause for reflection. May the regional variety have a written as the regional language of Miranda do Douro? These two regional languages demonstrations so far apart can have similarities, at the graphic level? It is possible the "phonetics written" be one of them? In the way to give a written of the population speaking, can the writers of these regions bring relevant information to understand the two Portuguese regional linguistic manifestations? The Literature seems to be important for the language studies, including for the question of writing a language whom as only an oral face, but asking for a writing. It is proposed here to understand the genesis of phonetic writing, based on the comparison of some particularities of the writings of both regional linguistics realities, insisting, however, more in the lexicon of regional Madeiran variety. For that, it will be analysed a list collected in 1999 with more than one hundred and half words classified as regional by the native speakers inquired at Madeira.

### **Keywords**

"Mirandês", Madeiran, Language, variety, linguistic two faces, phonetic writing.

## 1. MIRANDA DO DOURO E ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA: GEOGRAFIAS, FONIAS E GRAFIAS

Em termos de Geografia, por um lado, Miranda do Douro é a terra de referência do Mirandês (MIR). Deve, todavia, considerar-se que a língua é falada nas aldeias dos concelhos de Miranda do Douro e em algumas do Vimioso, no distrito de Bragança, designando-se usualmente essa área regional por Terras do Planalto Mirandês. Por outro, o Arquipélago da Madeira, em pleno Atlântico, é composto pelas ilhas do “Madeirense” (MAD). Os dois pontos geográficos são tão distantes que, à primeira vista, nada têm em comum<sup>1</sup>. A distância que separa os dois territórios portugueses afasta-os de tal modo que ninguém se lembraria de os associar, salvo se se pensar nas questões linguísticas, entre outras possíveis afinidades, contemplando as culturais, imbuídas em tradições populares ancestrais. Além do mais, que se saiba, no decorrer do século XV, os mirandeses não foram os povoadores das ilhas atlânticas, embora pudesse haver alguém daquelas longínquas terras. O afastamento entre elas é tão grande quanto a distância que existe, hoje, entre a fonia e a grafia do Português, sendo estas as duas vertentes que importa, de momento, abordar. A presente proposta não reside na comparação detalhada das particularidades do MIR e do MAD, embora fosse um exercício viável porque, nas diferenças, possuem similitudes (cf. tabela 1).

O paralelo pode ser estabelecido retomando, por exemplo, para o MIR, o que Amadeu Ferreira (2006) escreveu acerca da história desta língua do ramo do leonês e, para o MAD, a opinião de diversos autores. Apenas para ter uma ideia, listam-se alguns traços em que se podem estabelecer pontes linguísticas entre estes dois territórios com modos de falar específicos, o que não significa que a língua e a variedade sejam coincidentes, mas apenas que há fenómenos parecidos. Enumeram-se e exemplificam-se, na tabela 1, partindo dos elencados por Amadeu Ferreira: 1) palatalização; 2) artigos definidos; 3)

---

<sup>1</sup> A fim de evitar equívocos, convém esclarecer que, pelo paralelo que se estabelece entre a variedade geográfica do arquipélago madeirense e a segunda língua oficial de Portugal que é o Mirandês, não se pretende colocá-las num mesmo plano, nem dizer que a variedade insular ascenderá à categoria de língua. Aliás, não se abordam os conceitos tratados por renomados linguistas como Paiva Boléo e Lindley Cintra quanto às definições de “língua”, “dialecto” e “falar”, dando-se por adquirida a distinção entre “língua” e “variedade”. O que importa aqui é mostrar que, apesar de isso suceder com todas as línguas e variedades, a dimensão oral de ambas, isto é, do Mirandês (uma língua do ramo do Leonês) e do Madeirense (uma variedade do Português) tem levado séculos para ter escrita. É este o sentido contido no título do artigo e de todo este trabalho. O paralelismo que se estabelece é para compreender a passagem da oralidade à escrita.

possessivos; 4) algumas palavras com género diferente; 5) advérbios e locuções inexistentes em português e 6) bastante vocabulário.

Características	Língua mirandesa	Variedade regional madeirense
Palatalização	<l> inicial: <i>lhuna</i> (lua)  <ll> e <nn> duplos intervocálicos latinos: <i>cabalho</i> (cavalo); <i>canha</i> (cana)	<l> antecedido de <i>: <i>aquilho</i> (aquilo) <sup>2</sup>
Artigos definidos	<i>l</i> (o) <i>la</i> (a)	situações de apagamento, em especial com os nomes próprios e certamente mais antigos: <i>lo, los, la e las</i> (o, os, a e as) <sup>3</sup>
Possessivos	<i>miu</i> (meu), <i>mie</i> (minha), etc.	<i>mê</i> (meu), <i>tê</i> (teu), etc. <sup>4</sup>
Alterações de género	<i>la calor</i> (o calor)	<i>a corredora</i> (o corredor); <i>o mango</i> (a manga) <sup>5</sup>
Advérbios e locuções diferentes	<i>ende</i> (aí), <i>sourtordie</i> <sup>6</sup>	<i>l'além</i> ou <i>acolé [ajlém]</i> (muito longe); <i>aquintrodia/ aquentroudia</i> (há algum tempo) <sup>7</sup>
Vocabulário	<i>Vide infra</i> : “sfergante” (instante, momento), “paraige” (alívio), “pochudos” (inchados)	<i>Vide infra</i> : “bilhardeira” (coscuvilheira), “bisalho” (pintainho), “semilha” (batata)

**Tabela 1** – Algumas características do MIR e do MAD

Não se pretende alongar esta enumeração que poderia contemplar mais itens, como, entre outros tópicos, a especificidade dos modos de tratamento e a sintaxe com várias características próprias. É a última elencada (o vocabulário) que se vai realçar, nomeadamente para a variedade madeirense (cf. listagem de 169 vocábulos em apêndice, recolhidos em 1999<sup>8</sup>), já que não se tem por finalidade comparar estas duas manifestações linguísticas presentes no território português, porque são muito diferentes e estão em planos distintos. O Mirandês (MIR) é a segunda língua oficial falada em Portugal e o Português é a língua falada na Região Autónoma da Madeira (RAM). Contudo, possui especificidades e, por isso, o “madeirense” (MAD) é considerado uma variedade diatópica do português (Rebelo, 2014a).

<sup>2</sup> Cf., por exemplo, Andrade Pardal (1994).

<sup>3</sup> Cf., por exemplo, Santos (1937-1938).

<sup>4</sup> Cf., a título exemplificativo, Macedo (1939).

<sup>5</sup> Cf. Rebelo (2014a), por exemplo.

<sup>6</sup> Não se encontrou tradução no dicionário disponibilizado em [www.mirandadodouro.com](http://www.mirandadodouro.com).

<sup>7</sup> Cf. Rebelo (2014a).

<sup>8</sup> A recolha foi tratada e publicada num artigo (Rebelo, 2005-2006).

Pretende-se, porém, compreender como o MIR e o MAD passaram do registo oral para o escrito, procurando decalcar este naquele, visto que a génese das duas grafias é marcadamente fonética. Logo, se o proposto não é encontrar afinidades, importa dizer que o tema a tratar pressupõe reconhecer que são diferentes. Por um lado, o MIR é uma língua minoritária do ramo do Leonês, circunscrita a uma região. Apesar de ser falada há séculos, a sua escrita oficial é relativamente recente. Por outro, o MAD é uma variedade geográfica regional da Língua Portuguesa. Embora este possua especificidades orais, nomeadamente a nível lexical (cf., por exemplo, o apêndice), não tem escrita oficial reconhecida. Assim, a ligação que se acha entre o MIR e o MAD prende-se, predominantemente, com questões de fonia e grafia, apontando para o que se pode identificar como “escrita fonética”, no singular para indicar o processo em geral, já que não há apenas uma escrita fonética, mas várias, como para a chamada “pronúncia figurada”, um registo anterior à transcrição fonética. Portanto, é evidente que a escrita fonética da segunda língua oficial de Portugal não será idêntica à da variedade insular, embora os recursos sejam idênticos: as letras do alfabeto e a correspondência unívoca entre letra e fone. O busílis é que estes mudam consoante o “escrevente”, embora isso já não se verifique para o MIR porque possui uma convenção ortográfica, mesmo se sujeita a alterações. Então, até que ponto terão semelhanças, a nível gráfico, estas duas manifestações linguísticas tão afastadas uma da outra? Não será a “escrita fonética” uma delas? Torna-se evidente que sim. Tanto para o MIR, como para o MAD, assim como para todas as línguas naturais, a escrita surge historicamente depois da fala, procurando representar e atestar o modo de falar das populações.

## 2. FALAR E ESCREVER: DA FONIA À GRAFIA

Geralmente, o critério fonético ligado à escrita é interpretado como uma tendência facilitadora, porque há algumas dificuldades associadas à ortografia que se devem, sobretudo, à vertente etimológica das línguas (cf. Vázquez Cuesta e Luz, 1988). Os problemas verificam-se, quando, por exemplo: a) uma letra corresponde a diversos sons (Ex.: <a> -> como em “casa”, com a vogal central aberta [a] e a vogal central semi-aberta [ɐ]), b) uma letra não tem qualquer valor fónico (Ex.: “hoje”, “Helena”), c) duas letras

(dígrafos) realizam apenas um som (Ex.: <lh> para a lateral palatal [ʎ] -> “alho”), d) a mesma sequência adquire vários valores (Ex.: <-am> -> para um ditongo nasal “lavam” e para a vogal nasal central “amparo”), e) a letras diferentes é atribuído o mesmo valor (ex.: <ss> e <ç> para a sibilante surda -> “ossu”, “ouço”), etc. Para estes e outros problemas, a solução tida como “mágica” parece ser a de “escrever como se diz”. A grafia (a escrita com o alfabeto latino) passa a seguir procedimentos fonéticos. Do mesmo modo que um símbolo fonético tem unicamente um valor, a cada letra do alfabeto é atribuído apenas um valor fónico, o que não é assim tão linear. A grafia torna-se, deste ponto de vista, o espelho da pronúncia (cf. Houaiss, 2001: articulação e sotaque<sup>9</sup>) porque daria a ver o seu reflexo. Faz lembrar as dificuldades iniciais do processo de iniciação à escrita nos primeiros anos de escolarização, em que as crianças que seguem este procedimento têm de vencer mais obstáculos. Ora, esta interpretação tem consequências, como se depreende da figura 1 em que o vocábulo “abelha” é escrito conforme o falante considera certo, isto é, com um ditongo: “abeilha”, num mercado madeirense, onde se distingue “mel de cana” de “mel de abelha(s)”. Segundo a grafia convencionada e, portanto, normativa, há um erro por a ortografia não ser respeitada. Todavia, quem se dedica a estudar estes assuntos vê ali a pronúncia do falante e sabe que deriva do padrão normativo, que o estudioso domina e que o falante desconhece.



**Figura 1**– “mel de abelhas” num mercado madeirense  
Fonte: Helena Rebelo, 2016

<sup>9</sup> Cf. Houaiss (2001).

<b>FALAR – registo oral – OUVIR</b>	<b>ESCREVER – registo escrito – LER</b>
Sons, fones e fonemas	Letras e grafemas
Natural, espontâneo, imediato, fácil	Aprendido, trabalhoso, exigente, difícil
Família e comunidade – todos os indivíduos	Escola – alguns indivíduos
Boca e língua – aparelho fonador	Mão e dedos – destreza manual
Amplificador: megafone, colunas, etc.	Instrumento: esferográfica, caneta, lápis, giz, dedos, etc.
Suporte: ar, banda magnética, cassete, vídeo, “mini-disc”, cd, telefone, telemóvel, etc.	Suporte: Papel, papiro, quadro, ardósia, pedra, tecido, ecrã, telemóvel, etc.
Eixo temporal	Eixo espacial <sup>10</sup>
Presença do interlocutor, mesmo à distância	Ausência ou afastamento físico do interlocutor
Impossível rever e corrigir – “Está dito... está dito.”	Possível rever e corrigir
Esquecido e lembrado	Guardado e preservado para comprovar
“As palavras leva-as o vento.”	“O que está escrito fica gravado para a eternidade.”
<b>O falar na escrita...</b>	<b>A escrita no falar...</b>

**Tabela 2** – Algumas Diferenças entre Falar e Escrever

Acredita-se que este procedimento facilita a escrita, mas quem sabe que “falar” e “escrever” são dois recursos paralelos (cf. tabela 2), excluindo qualquer situação patológica ou outras particulares, e bastante distantes (como se afirmou, encontram-se em pontos geograficamente tão opostos como Miranda do Douro e o Arquipélago da Madeira) não se deixa enganar. É possível verificar que nem há confluência ao notar o falar na escrita, como num texto dramático, mais precisamente nas deixas das personagens, ou a escrita no falar, considerando, a título exemplificativo, um discurso político preparado para ser dito. Cada ponto da tabela 2 permite assinalar algumas das diferenças substanciais entre os dois registos, partindo de uma generalização, já que pode haver casos especiais, como se disse relativamente às situações patológicas. Dos suportes aos instrumentos, passando pelos contextos de aprendizagem, todos os parâmetros são distintos. Pese embora este afastamento, a tendência para os aproximar, procurando, essencialmente, fazer com que a escrita represente fielmente o registo oral, é grande. Os exemplos da tentativa de decalque,

<sup>10</sup> Estas noções surgem na obra *Pedagogia da escrita: Perspectivas*, organizada por Fernanda Irene Fonseca, 1994.

nesta relação linguística entre fonia-grafia, são inúmeros e encontram-se em múltiplas vertentes, sendo a publicidade um caso paradigmático.

Veja-se a campanha do “Expresso BPI Golf Cup 2016” destinada às empresas, com a transcrição gráfica do aviso que um golfista grita, quando a bola que jogou ganhou força e pode atingir alguém que está nas redondezas: “BÓÓÓLA!”. Que significado têm os acentos gráficos presentes nas três vogais da sílaba tónica? São para realçar a energia ou a duração vocálica? É legítimo grafar assim “Bola!”? São algumas interrogações que, porventura, os publicitários não se colocaram, ao optarem por esta representação gráfica, mas que um linguista não pode ignorar. O caso das ementas é, também ele, muito interessante para quem se dedica ao tema da relação grafia-fonia. Estudar as ementas deste ponto de vista (cf. figuras 2 e 3) permite equacionar um grande número de questões, indo da grafia dos estrangeirismos, problema que não é novo, (cf. “coffee” – Inglês; “cappucino” – Italiano; “arepas” e “empanadas” – Castelhana (Venezuela); “nikita” – Russo; “hamburger” – Alemão) ao uso das maiúsculas (cf. “vinho Madeira doce”), passando pelo emprego dos artigos (cf. “peixe de dia”<sup>11</sup>), entre muitos mais. Como escrever o que se quer dizer? Os falantes têm dificuldades que se repercutem, quer nas publicidades, quer nas ementas, quer ainda em textos diversos. Frequentemente, o que se diz e o que se quer dizer não coincidem. Por exemplo, na figura 2, em “costeleta de porco grelhado”, é o porco que é grelhado ou apenas a costeleta? Não há dúvidas de que é esta última que é grelhada. Porém, devido à sintaxe, gerou-se um sentido diferente que é reinterpretado pelo destinatário daquela mensagem. Algo semelhante sucede com “peixe de dia” (cf. figura 2), já que ninguém pensa, por oposição, em “peixe de noite”, mas em “peixe pescado no próprio dia em que se destina a ser consumido”. Quem procura estudar estas duas faces de qualquer manifestação linguística fica com vários problemas por resolver porque os casos empolgantes são muitos.

---

<sup>11</sup> Faz lembrar os casos recentes de “orçamento de Estado”/ “orçamento do Estado” e “Presidente de Câmara”/ “Presidente da Câmara”.



**Figura 2** – Ementa do dia numa tasca madeirense  
Fonte: Helena Rebelo, 2016



**Figura 3** – Estrangeirismos nas bebidas e comidas  
Fonte: Helena Rebelo, 2016

Os tradicionais lenços de namorados (cf. figura 4) constituem uma marca do Património Linguístico Português e são, também eles, uma amostra interessante para estudar os reflexos do registo oral no plano escrito, mesmo se bordados em tecido. No lenço de namorados reproduzido num artefacto turístico, as unidades linguísticas “Bai”, “buando”, “Cando”, “bires”, “Dale” e “veijinho” apontam para fenómenos fonéticos. No poema do lenço em apreço (cf. figura 4), a fonia e a grafia correspondem à pronúncia do Norte de Portugal e verifica-se que as “escritas fonéticas” (no plural porque há várias, embora se possa considerar no geral e, por isso, se empregue também o singular) revelam uma forma de dizer marcadamente popular e regional. A letra “v” de “veijinho” assume-se como um provável caso singular a merecer reflexão. Decerto, o falante pensou corrigir o que seria um erro, mas não o era (“beijinho” é encarado como erro e emendado para “veijinho”, que a norma considera errado, pensando o falante estar certo). A noção de “erro” para as escritas fonéticas dilui-se porque o falante – frequentemente pouco escolarizado – escreve conforme diz e assim segue a sua produção oral, que pode ou não ser idêntica à dos seus conterrâneos. Importa apenas quando o é, o que pode não ser o caso deste “v”. Não se considera, conseqüentemente, que a fonética seja simplificadora da escrita. Basta para isso observar o logótipo presente na figura 5<sup>12</sup>. Para quê substituir o “qu” de “alquimia” por um

<sup>12</sup> Faz pensar na escrita proposta para os crioulos cabo-verdianos que também assenta no princípio fonético de um símbolo-um som (fone) (cf. livro de Manuel Veiga *Diskrison strutural di lingua kabuverdianu*, 1982). Um dos argumentos era que distanciava esta grafia da ortografia portuguesa, ou seja, da escrita com raízes etimológicas. Contudo, não gerou consenso, fazendo com que não fosse seguida por grande parte da população. Na folha de rosto, Manuel Veiga apoia-se numa citação de Albert Valdman que desvaloriza a grafia etimológica: “La principale faiblesse de toute orthographe étymologique est de ne pas mettre à la

“k”? Porquê o apóstrofe a assinalar a apócope de “e” em “de”? Será o grafismo a condicionar? É bem provável que assim seja. Jogando a publicidade com diversas vertentes da grafia: cor, tamanho e formato da letra, desenho, etc.

Assim, a opção fonética, devido à variedade de pronúncias (enquanto modos de articulação), não é facilitadora da escrita. Pelo contrário, torna o processo complexo por causa das flutuações do registo oral (cf. Vázquez Cuesta e Luz, 1988: polimorfismo medieval). Por exemplo, como deveria escrever “para o” quem diz apenas a consoante inicial da preposição e emite uma vogal posterior semi-aberta no artigo ou pronome? Poderia escrever “pó”? Seria aceitável admitir, para a mesma sequência, a grafia “pró”, se é assim que alguém articula, incluindo quem diz “pó”? Há muitos falantes que pensam existir o verbo “tar”, esquecendo-se, por completo, que é uma redução de “estar”. Considerando as diferenças entre a língua minoritária (com ortografia) e a variedade insular (sem ortografia), esta panóplia de exemplos permite evidenciar o que terá acontecido com o MIR e está acontecendo com o MAD, assim como com todas as línguas e variedades que necessitam de uma convenção ortográfica. A pronúncia, marcadamente instável, é impulsionadora da escrita, quando não existe nenhuma oficialmente reconhecida, provocando, conseqüentemente, instabilidade gráfica.



**Figura 4** – Réplica de um lenço de namorados  
Fonte: Helena Rebelo, 2016



**Figura 5** – Logótipo de um restaurante madeirense  
Fonte: Helena Rebelo, 2016

disposition du scripteur des règles systématiques pour la représentation de toutes les formes d’une langue...”, mas os limites que se lhe reconhecem não parecem ser tão problemáticos quanto os da “escrita fonética” porque permitem estabilizar (fixar) a grafia que não flutua ao sabor dos falantes, como se nota no apêndice para o MAD.

### 3. O CASO DO MIR

Segundo Amadeu Ferreira (2006 e 2010), a história da língua mirandesa está feita. Retomando a posição de José Leite de Vasconcelos, identificou nela três variedades, a saber: 1) o mirandês do norte ou raiano, 2) o mirandês do sul ou sendinês e 3) o mirandês central ou a norma-padrão, realçando a variação interna como se comprova na presente citação (2006):

Já José Leite de Vasconcellos [sic] havia distinguido três variedades dentro do mirandês: o mirandês do norte ou raiano, que é falado em várias aldeias junto à fronteira (raia seca) com Espanha; o mirandês do sul ou sendinês, que é falado na vila de Sendim; o mirandês central que é falado nas restantes aldeias e que foi adoptado como padrão pela Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa. Assim, como qualquer língua, e apesar do seu reduzido número de falantes e da pequena área geográfica onde se fala, também o mirandês apresenta importante variação interna.

Esta riqueza linguística, própria de qualquer língua viva, é-lhe conferida essencialmente pelo carácter oralizante que conservou durante séculos, já que apenas ganhou a vertente escrita em 1884. Foi, também nas palavras de Amadeu Ferreira (2006), José Leite de Vasconcelos quem lhe conferiu essa vertente através de uma publicação literária, sob a forma de poemas. Sobressai, pois, o contributo da Literatura para os Estudos Linguísticos. Conta Amadeu Ferreira que essa proposta de escrita inicial era “muito complexa” e que Aniceto dos Reis Gonçalves Viana propôs “um sistema de escrita mais simples”. Estes dois vultos dos estudos linguísticos portugueses contribuíram assim para dar visibilidade ao MIR, conferindo-lhe uma face escrita, mas os contornos com que a desenharam não foram coincidentes e isso exigiu uma intervenção posterior, em finais do século XX com uma convenção ortográfica. O processo revela bem que “escrever” não é “falar” e que é indispensável fazer opções para representar graficamente a variação linguística do registo oral, a variação intrínseca de uma língua ou de uma variedade. A explicação detalhada da História da Língua Mirandesa é sistematizada por Amadeu Ferreira (2010), retomando observações anteriores (2006) muito esclarecedoras, a este propósito:

A língua mirandesa manteve-se como língua exclusivamente oral até 1884, ano em que José Leite de Vasconcelos publicou o poemário *Flores Mirandesas*, a primeira obra escrita em mirandês. No último quartel do século XIX vários autores mirandeses publicaram obras em mirandês, em particular traduções de autores clássicos e de «Os Quatro Evangelhos», com destaque para Bernardo Fernandes Monteiro, Manuel Sardinha e Francisco Meirinhos. A escrita seguida por José Leite de Vasconcelos era muito complexa, visando expressar toda a riqueza da oralidade, mas um sistema de escrita mais simples foi apresentado por

Gonçalves Viana, depois seguido por vários autores. Daí em diante a escrita da língua mirandesa oscilou entre aquelas duas propostas, até que em 1999 é publicada a Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa, cujo projecto esteve em discussão desde 1995.

É sintomático observar que, no entender de Amadeu Ferreira, apesar de haver uma ortografia convencionada, a “escrita da língua mirandesa ainda não se pode considerar concluída”. A explicação encontra-a na convenção e nas adendas que se lhe seguiram. Na sua opinião, no entanto, “não abarcam todos os aspectos relativos à escrita da língua”. Isso pode indicar que o registo escrito, embora fixe a língua, nunca o consegue plenamente, uma vez que a vitalidade oral tem detalhes de que a escrita deixa de dar conta ou ainda não dá conta, precisando de ajustes sistemáticos. Depreende-se que o processo ortográfico não está fechado, porque os mirandeses querem contemplar na escrita as variedades. É o que se deduz da citação *infra*, extraída da palestra de Amadeu Ferreira (2006) sobre a História da Língua Mirandesa:

Das variedades do mirandês, a que apresenta diferenças mais sensíveis é o sendinês, que foi objecto da 1ª Adenda à Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa. Em termos de ortografia, a convenção seguida é a mesma, apenas se permitindo que os sendineses, se o desejarem, possam escrever com *l-* em início de palavra em vez de *lh-* (ex. *luna* / *lhuna*, para a palavra ‘lua’). Outras distinções a assinalar, além de aspectos da sintaxe e do léxico: o tratamento de respeito é, no mirandês central e raiano, na 2ª pessoa do plural (Á tiu Antonho, *bós stais* an casa manhana a la purmanhana?), e é, no sendinês, na 3ª pessoa do singular (Á tiu Antonho, *el stá* an casa manhana a la purmanhana?); (...).

Em síntese, do apanhado de Amadeu Ferreira, pode dizer-se que a língua falada nas aldeias do Planalto Mirandês tem variedades: a do norte (raiano), a do sul (sendinês) e a central (a norma). Apenas possui escrita desde 1884, tendo a sua génese gráfica com a publicação do “poemário *Flores Mirandesas*” de José Leite de Vasconcelos. É, portanto, na Literatura que nasce a escrita do MIR. Foi necessário esperar até 1900, para ter a primeira gramática da mão de José Leite de Vasconcelos. Mais tarde, a proposta de escrita de José Leite de Vasconcelos passou por uma simplificação ortográfica apresentada por Gonçalves Viana. Estas duas ortografias vão manter-se até finais do século XX, porque, em 1995, inicia-se a discussão pública para a *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa* (mirandês central), que surge em 1999, tendo uma primeira Adenda em 2000, e, na opinião de Amadeu Ferreira, o processo não está concluído para dar conta na escrita do MIR, falado há séculos e com variação interna.

Quanto à Literatura Mirandesa ou em MIR, afirma Amadeu Ferreira (2006):

A literatura escrita em língua mirandesa inicia-se em 1884, com a publicação do poemário de José Leite de Vasconcelos, *Flores Mirandesas*. Ainda no século XIX assistimos à publicação de poemas originais por Francisco Meirinhos, de traduções de Camões e de Antero de Quental por Manuel Sardinha, de Camões e dos Quatros Evangelhos por Bernardo Fernandes Monteiro. Já no século XX, António Maria Mourinho publica vários poemas em mirandês, depois reunidos no volume *Nuossa Alma i Nuossa Tierra*, a que se veio juntar mais tarde o poema *Scoba Frolida an Agosto* e outros poemas dispersos.

Convém lembrar que, desde os tempos da Filologia, o estudo da língua e do texto são inseparáveis, tendo sempre havido uma ligação muito próxima entre Literatura e Linguística. O facto de, para o MIR, a Literatura conferir, pela primeira vez, escrita a uma produção oral comunitária é demonstrativa do interesse que deve ter estudar a relação entre fonia e grafia. Vários são os livros que vão aparecendo no mercado para o MIR. Um dos últimos foi, por exemplo, *Lhonas/ Anedotas mirandesas* de Carlos Ferreira com tradução de Thibaut Ferreira e publicado pela Editora Âncora, no seguimento de muitos outros. Evidentemente, como seria de esperar, o mesmo não acontece com o MAD que, enquanto variedade, acaba por ter apenas literatura com representações parciais das suas especificidades regionais. Foi, pelo menos, a convicção que já se expressou em diversos trabalhos (Rebelo, 2016).

Por coincidência, para a Poesia, encontraram-se duas obras editadas pela Âncora: a do MIR é de um pseudónimo de Amadeu Ferreira: Fracisco Niebro, (2012) *Ars vivendi. Ars moriendi* e a do MAD é de José de Sainz-Trueva *et alii* (2016) *Cadernos de Santiago I*. Comparando-as, compreende-se a diferença existente entre uma e outra. Para o MIR, a par da composição poética no original, surge, na página seguinte, a tradução<sup>13</sup> portuguesa. Assim, todo o vocabulário especificamente mirandês torna-se compreensível pela tradução portuguesa como em “sfergante” (instante, momento – p. 7), “paraige” (alívio – p. 7), “pochudos” (inchados – p. 8). Analisando, brevemente, a grafia do vocabulário presente nos poemas em MIR, conclui-se que uns quantos são idênticos no texto original e na tradução (p. 9: “agora”, “na”, “mora”, “casas”, etc.); alguns estão próximos dos correspondentes portugueses (um pouco como com os castelhanos, franceses, italianos, etc.), de que se dão os seguintes exemplos, para continuar na página 9, em paralelo com a 8: “rue” – “rua”, “pessona” – “pessoa”, “piedra” – “pedra”, “silenço” – “silêncio”, “puortas” – portas, “semitérios” – cemitérios, “jazidos” – jazigos, “tierra” – terra, etc.

---

<sup>13</sup> Apesar de o autor Fracisco Niebro, ou seja, A. Ferreira, poder ter realizado a tradução portuguesa, esta esteve a cargo de António Canguero e Rogério Rodrigues.

Muitas vezes, entre outros casos, há apenas uma letra de diferença, revelando pronúncias distintas, mas não muito distantes. Esta proximidade mereceria um estudo, que, não cabe, aqui, empreender. Em contrapartida, na obra referida para o MAD, os textos são escritos seguindo a norma do Português Europeu, anterior ao Acordo Ortográfico de 1990, havendo, pontualmente, algum autor que se aventure pela variedade insular. Observa-se nas composições de Isabel Aguiar, nas páginas 20-21, com “joeira” (papagaio de papel) e na 23 com “poios” e “levadeiros” (cf. apêndice: “poio” e “levada”). Os editores optaram por não colocar notas ou explicar este vocabulário por não ser recorrente o procedimento nos poetas antologados. Portanto, parece uma evidência afirmar que o MAD, mesmo se ocorre em alguma literatura (Rebelo, 2016), vai desaparecendo com a escolarização das novas gerações (Rebelo e Gomes, 2014b), embora determinadas marcas subsistam em todos os planos linguísticos, tendo particular realce o léxico.

#### 4. O CASO DO MAD

Quanto à História da Língua, que se saiba, ninguém lha fez. Para o MAD, José Leite de Vasconcelos e Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (Rebelo, 2005) apontaram particularidades fonéticas: duas o primeiro (a ditongação do /i/ madeirense e a palatalização da lateral áptico-alveolar antecedida de /i/) e uma o segundo (a singularidade do /i/ madeirense). Aliás, foi referido por José Leite de Vasconcelos como “o madeirense”, no singular, o que Luís Filipe Lindley Cintra (1990) contestou preferindo o plural. Contrariamente ao filólogo, no entender do linguista da Academia de Lisboa, a variedade interna está presente em diversos fenómenos fonéticos. Contudo, não os delimita no terreno, não traçando qualquer isoglossa em território madeirense. Este assunto continua a suscitar diversas interpretações e é motivo de interesse de diferentes vultos da cultura regional, sobretudo de não especialistas da área da Linguística. Sucede assim com Ricardo França Jardim<sup>14</sup>. Veja-se, por exemplo, a crónica “Falares Ilhéus” (1996, 24) e o facto de reconhecer a variação interna na variedade insular madeirense<sup>15</sup>:

---

<sup>14</sup> Como Amadeu Ferreira, Ricardo França Jardim foi cronista do jornal *Público* e ambos escreveram sobre as suas origens e a terra que os viu nascer. Aliás, as crónicas escritas em mirandês dão conta de especificidades de Miranda do Douro e as escritas em português padrão com particularidades linguísticas madeirenses realçam muitas das características do arquipélago madeirense, sobretudo através de anedotas ou figuras caricatas. Não deixa, por isso, de ser curioso o paralelismo que se pode estabelecer entre estes dois autores:

Será impróprio falar de um dialecto madeirense. Mas custa a entender, em português corrente, declarações tão estrambólicas, como “o grima azoigou e foi atupido no poio das tanarifas”. Melhor dizendo, “o cão morreu e foi enterrado no campo das aboboreiras”.

Mais espantoso ainda, é constatar, num espaço insular de 50 quilómetros de comprimento por 20 de largura, falares com prosódias tão diferenciadas quanto as que separam Braga de Loulé. Por exemplo, nas freguesias suburbanas do Funchal – São Martinho, Santo António, São Roque – chama-se “escádia” à escada, “galatrixa” à lagartixa e “Gabel” a todo o infeliz baptizado com o nome de Gabriel. Mais fina ainda, é a troca do “A” com o “O” e outras baldrocas de letras, constituindo-se ementas de “gaiade saque” e “milhe frite com azeito”, para não falar das “ovoletas”. Mas atenção. Raras vezes a linguagem escrita acompanha a pronúncia oral. Devido ao enorme esforço de alfabetização. Ainda nos meus tempos escolares, conheci uma velha professora que dizia assim: - Atenção, meninos, vames fazere o ditade. Quem fazer erres, é castigade. E não se esqueçam, ditade com “o” no fim.

E lá acertávamos qualquer coisinha.

Como se calcula, não aprendi muita medicina naquele serviço à periferia – excepto capacitar-me da imensidão da minha ignorância. Mas deu para reflectir sobre outros temas. Hoje, à distância de 20 anos, formulo esta hipótese politicamente incorrecta: fosse a Madeira ex-território colonial, à semelhança de Cabo Verde, ou região espanhola, como a Galiza, que teríamos língua própria, com semântica e sintaxe estabelecidas nos livros. Mas somos portugueses. Assim, nem o Dr. Alberto João, que já inventou bandeira, hino e parlamento, consegue institucionalizar o dialecto madeirense. Lamento, mas compreendo. Já imaginaram o líder insular fazer-se desentender para sacar dinheiro àquele senhor com voz de grilo que faz de ministro das Finanças?

Embora também não identifique áreas e fronteiras, mesmo se localiza fenómenos, as questões linguísticas levantadas por Ricardo França Jardim (1996) merecem comentário. Além do mais, defende, como Lindley Cintra, variação interna, mas opta pela unicidade da variedade. Põe a tónica na especificidade linguística, não reconhecida oficialmente, a nível nacional, da variedade insular autóctone, que, no seu entender, poderia ganhar a dimensão de “língua”, deixando de ser “variedade”. Avança com critérios políticos ou de História Política para que tal não seja possível. Subentende a existência de uma Semântica e de uma Sintaxe madeirenses, sendo uma possibilidade que se tem vindo a considerar porque está a ser estudada a Gramática do MAD, fazendo sobressair as suas características (cf. tabela 1). Porém, não será apenas por isso. Ricardo França Jardim revela ter pena de não ver valorizada a especificidade linguística da sua terra natal e evidencia uma preocupação em conservar marcas regionais, que o todo nacional não (re)conhece. As preocupações

---

um da área do Direito e outro da da Medicina, que, tendo sensibilidade linguística, se reportam a diversas questões da linguagem para as próprias realidades que conhecem enquanto falantes nativos.

<sup>15</sup> É importante realçar que nem José Leite de Vasconcelos, nem Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, nem Luís Filipe Lindley Cintra, nem Ricardo França Jardim se referem à ilha do Porto Santo. Quando se reportam à “Madeira”, é apenas a ilha maior do arquipélago que é alvo de atenção.

linguísticas deste médico estão também patentes na crónica “Balamento” (10-12), como se pode ler num excerto (10-11):

Ou belamento, não sei. Não encontro esta palavra nos dicionários. Contudo, ela existe. Ou existiu. No antigamente estava ligada à Páscoa. (...)

Aprendi a associar as estações do ano aos sabores, costumes e liturgias. O inverno [sic] estendia-se entre o Natal e o Carnaval. Começava na matança do porco, carne de vinho e alhos, torresmos, broas, rosquilhas. bolo de mel. Chegados ao entrudo, vinham os sonhos, malassadas e os fritos com canela e mel que, curiosamente, vim encontrar, adulto feito, no Norte de África, durante os jejuns do Ramadão.

Nas colhetas de Verão, eram arraiais, coretos, música, foguetes, bonecas de massa, espetadas e vinho tinto. E no Outono, São Martinho mais as mudas das pipas, águapé [sic], nozes e castanhas.

A Páscoa, auto da Primavera, anunciava-se pela abstinênciada Quaresma, culminando no jejum de Sexta-Feira Santa. (...)

Sabores pascais? Amêndoas. E aqui retomo [sic: retorno ?] ao belamento. Era uma espécie de jogo das escondidas, praticado nas últimas semanas da Quaresma. Pelas manhãs, ou à hora do almoço, cada jogador procurava emboscar-se, para surpreender o adversário desprevenido. E mal avistasse o outro, descobria-se, gritando: “Balamento!”. No final, o vencido pagava um prémio, na forma de torrões de amêndoa com açúcar, à venda, por esta época, em todas as confeitarias do Funchal.

A hesitação provoca a flutuação gráfica entre “belamente” e “balamento” (cf. apêndice). Porque o autor usa as duas formas no texto, evidencia o quanto é difícil captar a pronúncia e é complexo transpô-la para a escrita mimeticamente. Não se pense que isso seja resultado de uma gralha, já que esta inconstância subsiste para muitos vocábulos que se encontram em circunstâncias idênticas: são fruto do registo oral a que a escrita precisa de dar corpo gráfico. Das três ocorrências no texto, duas são com “e” e uma com “a”, o que pode ajudar a identificar a forma predominante, embora a outra tenha legitimidade e se possa considerar ser uma variante. Aliás, acontece o mesmo com o vocabulário importado. Por exemplo, os dicionários admitem “omelete” e “omeleta” ou “bicicleta” e “biciclete”, assim como “moto” e “mota”. A dificuldade da transposição da fonia para a grafia é uma constante, havendo, necessariamente que fazer opções. A ortografia deveria admitir apenas uma, facilitando a escrita, mas, frequentemente, tal não acontece. Esta indecisão manifestase, por exemplo, nos nomes das comidas e das bebidas (cf. figuras *supra* e *infra*), reencontrando-se noutra crónica de Ricardo França Jardim, no mesmo livro (1996) sobre a “tanarifa” (cf. apêndice). Intitula-se “Abóbora” (48-52) e extrai-se a seguinte passagem da página 48:

Abóbora é o fruto da aboboreira. Substantivo comum, com muitas variedades: abóbora-menina, abóbora-cabaça, de água, porqueira, chila, abóbora coroa e abóbora do mato. Na Madeira, referencia-se ainda a abóbora de Tenerife ou “tanarifa”, também conhecida por

“corre-e-caga”, tal é o crescer e frutificar. Mas na minha juventude, Abóbora com letra maiúscula, em substantivo próprio, era Manuel Pinto, professor de línguas, vice-reitor do liceu e comissário-adjunto da Mocidade Portuguesa.

Em síntese, e apenas do que se observou, é possível dizer que o MAD é uma variedade insular do Português falado com características próprias, que não tem ortografia oficialmente estabelecida, mesmo se alguns dicionários dão conta de certos termos e os grafam, advindo daí um certo reconhecimento (cf., por exemplo, Cândido de Figueiredo, 1986). Um dos exemplos mais paradigmáticos da instabilidade gráfica provocada pela escrita fonética é, sem dúvida, o legume “chuchu”, conhecido na RAM, como “pimpinela”, mas esta sequência de letras não é unânime, já que se regista variação, sobretudo, na primeira vogal. As figuras 6 e 7 atestam duas: <im>/<e>, “pimpinela”, “pepinela”, que aparecem no apêndice, havendo mais, como “pempinela”.



**Figura 6** – Num supermercado, “pimpinela”  
Fonte: Helena Rebelo, 2016



**Figura 7** – No Mercado dos Lavradores, “pepinela”  
Fonte: Helena Rebelo, 2016

Portanto, diversas questões se colocam, quanto à grafia. Como escrever palavras do MAD que não são atestadas no Português? Como grafar vocábulos que têm grafia, mas não são pronunciados como na norma? Que grafia dar a fusões improváveis de vocábulos originando outros vocábulos? Então, o falar (o modo de dizer) na escrita é erro ou regionalismo? Que dizer de casos como “bailhe”, “bailhinho”, “vilhoa”, “mobilhado” para dar conta da palatalização da lateral apical indicada *supra* (cf. tabela 1)? Como escrever a chiante surda? Deve ser com <ch> ou <x>: “xaramba”/ “charamba”, “xarola”/ “charola”, “xavelha”/ “chavelha”? O mesmo se aplica a <s> e <z>, como em “busico”/ “buzico”, quando equivalem à consoante sibilante sonora. Como registar o fenómeno da ditongação de [i] que vários autores (Leite de Vasconcelos, Kate Brüdt, etc.) identificam, mas transcrevem de maneira diferente: “vainho”, “veinho”, “vuinho”? O que fazer das

variantes, como em “atremar”/ “atermar”/ “atramar”? Qual delas aceitar? Para as chamadas “corruptelas” e aglutinações como “aquintrodia” ou “l’além”, como proceder? Quem deve decidir a grafia dos vocábulos? Deve deixar-se esta incumbência aos falantes, tendo os linguistas, através de levantamentos, de comprovar a variante predominante para a oficializar? Até que ponto pode o linguista apoiar-se nos falantes, se eles são a causa da instabilidade linguística, sobretudo a nível da escrita do MAD? As respostas vão variando e, enquanto as entidades competentes não o decidirem, a escrita do MAD não terá real consistência, embora tenha existência. É o que se vai demonstrar.

## 5. O VOCABULÁRIO MADEIRENSE E A SUA ESCRITA FONÉTICA

Um dos primeiros trabalhos de investigação realizados para o MAD no sentido de sistematizar dados decorreu em 1999, tendo sido apresentado num congresso em Évora na transição do milénio e sido publicado posteriormente. Intitula-se “A Caminho do Brasil: a Madeira. Situação Actual da Língua Portuguesa na Ilha da Madeira” (Rebelo, 2005-2006). Nele, compilaram-se vocábulos considerados por inquiridos nativos como regionalismos, quer vocábulos específicos, quer vocábulos comuns ao Português, mas que tivessem sentidos diferentes. Foram facultados sem qualquer preocupação com a significação, interessando apenas a transcrição das unidades em si. Decidiu-se, agora, retomar esta recolha (cf. apêndice) para a tratar, segundo a relação fonia-grafia. Desejava-se comparar, para esta listagem, todos os vocabulários e glossários existentes (sem ajuizar se têm ou não qualidade), ou seja, os publicados em livro e os que constam, essencialmente, em dissertações. Embora se ambicionasse um maior número, a fim de tirar algumas conclusões, conseguiu-se fazer a consulta em quatro (dois glossários e dois vocabulários): António Marques da Silva (AMS) – glossário, Deolinda Bela de Macedo (DBM) – glossário, Fernando Augusto da Silva (FAS) – vocabulário, Luís Sousa (LS) – vocabulário. Colocar os dados lado a lado facilita a comparação das propostas de AMS, DBM, FAS e LS, confrontando-as com o elemento da recolha assinalado pelo falante inquirido. Como se esperaria, as divergências entre as recolhas presentes nos vocabulários e glossários existentes são grandes, o que já se notara em outros estudos (cf., por exemplo, Rebelo, 2010). Há, portanto, cinco propostas (com grafias convergentes, divergentes ou

aproximadas) para os 169 vocábulos que figuram em apêndice, listados por ordem alfabética. Como se disse, não interessam, de momento, as definições em si, porque o que importa observar é a grafia da unidade recolhida, comparando-a com a que as referências apresentam. Contudo, facultam-se (cf. apêndice), para facilitar a compreensão de quem as desconhece. Nos dados lexicais recolhidos (“palavras madeirenses” e “palavras com sentido diferente”), excluíram-se as formas verbais conjugadas como “abiquei”, deixando o infinitivo impessoal “abicar”, ou como “atremei” - “atremar”. Juntaram-se as formas pronominais, quando ocorreram: “abicar-se”. Retiraram-se, ainda, as repetições das ocorrências como para “apilhagem”. Em suma, o apêndice é constituído por 169 unidades, em que se listam as grafias dos significantes, e sempre que os vocábulos não existam nas obras consultadas, o símbolo X assinala-o. O exercício revela que estudar a variedade através dos levantamentos lexicais permite compreender até que ponto há singularidades na(s) pronúncia(s).

Antes de proceder a uma análise, sistematizam-se os dados em função da correspondência entre a recolha e as referências bibliográficas, a fim de observar a proximidade ou a distância entre a fonia e a grafia dos vocábulos listados. Notam-se seis situações, indo da falta de correspondência (inexistência, cf. conjunto I) até às dúvidas (cf. conjunto VI) que se foram apresentando. O tratamento é o seguinte:

### **I. Nenhuma correspondência nas referências:**

“abuseirar”, “alanhado”, “aldeia”, “apara lápis”, “arade”, “arencanado” [“incanado (ar)” – “ar encanado”?], “arrecada(s)”, “assacanhár” [cf. “açacanhár”], “azogado”, “azougo”, “bambiarra”, “banheira”, “besoica” [“busico”?], “bojinho”, “bota d’água”, “brinquinho”, “brisa”, “bogalho”, “bujeco” [cf. “busico”?], “burgalho”, “cachorro”, “caçulha”, “cadenão”, “canço”, “carreta” [cf. “carrete”?], “chinesa”, “consciência”, “coral”, “correia”, “cubano(s)”, “emazelado”, “embrugado”, “engalgado” [cf. “engalgada”, “engualgue,ar”, “engalgar”], “enpedir” [erro gráfico: “emp-” (“impedir”?)], “espigue(s)”, “filitar” [cf. “filito”], “francelho”, “fresco”, “gadelha”, “gorgomilho”, “granha”, “gums”, “impeno”, “inhame”, “lambeca”, “lar”, “malaia”, “mamada”, “mamulho” [cf. “mamulhão”?], “marca(s)”, “matança”, “mato”, “morganho”, “parreira”, “passada(s)”, “pastilha”, “peniscar”, “pisado” [cf. “pisar”?], “pissa”, “poço”, “prisão”, “quadro”, “quarto(s)”, “rainar” [cf. “reinar”?], “relaxado”, “revalhar”, “roleta”, “segurelho”, “shandy”, “soeira”, “tameira”, “trancelim”, “tratatório”, “tressale”, “vigia”, “xarola” [cf. “charola”].

### **II. Correspondência em apenas uma referência:**

“altear”, “amigo”, “bolo do caco”, “camalhão”, “cambado”, “caminhar”, “campo”- “campos”, “carreira”, “enfiado”, “espetada”, “fazenda”, “forado” [cf. “furado”], “horário”, “injurado”, “novelo(s)”, “panasco”, “pia”, “restolho”, “travessa” [cf. “Travessa”], “vapor”, “vasilha”, “verga”.

### III. Correspondência em várias referências com uma grafia – convergência:

“abelha”/ “abelhinha”, “apilhar [cf. “apilhagem”], “arcas”, “barreta”, “batata”, “batoque”, “borracheiro”, “borracho”, “calhau”, “canelas”, “cangueira”, “carreiro”-“carreireiro”, “cartola”, “cramar”, “demitado”, “expedir”, “feiteira”, “furado”, “gamelão”, “garanito”, “gastalho”, “grade”, “grogue”, “lapinha”, “levada”, “manta(s)”, “picado”, “poio”, “poncha”, “reina”, “resondar”, “saloia”, “semilha”, “sereno”, “venda”.

### IV. Correspondência com duas ou mais grafias consensuais (variantes reconhecidas) – proximidade:

“azougar”/ “azoigar”, “balamento”/ “belamento”, “basculho” (vasculho), “boganga”/ “moganga” - “tenerifas”/ “tanarifas/ “tenarifas”, “tornadouro”/ “tornadoiro”, “vaginha” (mais frequente)/ “baginha”, “vilão”/ “vilhão”, “zaralho”/ “zaralha”.

### V. Correspondência com grafias não consensuais (variantes não reconhecidas) – divergência:

“abaguear”/ “abaquiar”, “abicar (-se)”/ “abeicar”, “acontrodia”/ “acontordeia”/ “acontrodaia”/ “aquintrodaia”, “ajuntar”/ “juntar”, “atremar”/ “atramar”/ “atermar”, “atupir”/ “intupir”, “bebra(s)”/ “bêbera” [mais acento gráfico] “bilhardeira”/ “belhardeira”, “bisalho”/ “bizalho”/ “bisalhinho”, “busico”/ “busiquinho”/ “buzico”, “fraina”-“freima”-“freimão”/ “fleimão”-“freimaço”, “olho de bói”/ “olho de boi”/ “olho-de-boi”, “pimpinela”/ “pepinela”, “pinheco(s)”/ “pineco”/ “pinéo(s)”/ “pineca”/ “pinoca”/ “pinéu”, “saruga”/ “sarimba”/ “saruma”/ “sarumba” [corruptela de “carumba”?], “somenos”/ “semenos” [uma referência apenas], “tanerifa”/ “tanarifa”/ “tenerifa” [corruptela de “Tenerife”], “xarabanda”/ “charabanda”.

### VI. Dúvidas:

“caçarola”-“caçarolo”-“cacharola”, “expedir”-“espedir-se”, “injúrio”-“injúria”, “patinar”-“patinhar”, “pesquita”-“pesquito”, “tabaibo(s)”-“tabaibas”, “terraço”-“tarrço”, “tranca”-“trancas”.

Analisam-se os dados do apêndice em função da grafia, tendo em conta uma divisão em formato de escala que vai da convergência à divergência. No primeiro patamar, é idêntica para as cinco ocorrências e, no último, é diferente, não havendo uma grafia consensual. É claro que os resultados mudariam se se adicionassem mais referências bibliográficas e se se consultassem mais falantes. Todavia, observando os resultados disponíveis, verifica-se que 46% dos elementos recolhidos (cf. conjunto I) não têm nenhuma correspondência nas quatro referências citadas. Os falantes escreveram os regionalismos conforme quiseram. Não se questiona se são ou não realmente regionalismos porque o importante foi averiguar o “conhecimento” dos falantes. Há muitos que não o serão, como “aldeia”, “matança” ou “parreira”, não se sabendo o que motivou a escolha dos inquiridos. Neste conjunto de afastamento total, uma vez que não estão atestados,

identifica-se o que se designa por “erros” de ortografia como “enpedir” [“empedir” (“impedir”?)], ou seja, sequências não possíveis (não se usa “impossíveis”, porque foram usadas). A aglutinação em “arencanado” [“incanado (ar)” – “ar encanado ?”] pode também ser exemplo disso. Nesta, é claro que a grafia sofre uma forte influência da fonia e o falante não reconhece a existência de duas unidades, mas apenas de uma. Provavelmente por haver deturpações de vocábulos portugueses comuns (ex: “bambiarra” [“gambiarra”?] e “arade” [“arado”?]) ou de regionalismos (“assacanhão” [cf. “açacanhão”], “carreta” [“carrete”?], “xarola” [cf. “charola”]) também não se registaram, não se conseguindo encontrar correspondências nos estudos consultados. Convém sublinhar que estas obras resultam de um registo individual, confirmado ou não junto de outras referências e, também por isso, não atestam todo o vocabulário. É sabido que muitos destes elementos são regionalismos correntes (ex: “brinquinho” – instrumento musical, “brisa”<sup>16</sup> – bebida gasosa de marca regional, “chinesa” – uma meia-de-leite, “coral” – uma marca de cerveja, “prisão” – gancho para o cabelo, “cubanos” – continentais a viver no arquipélago ou no território continental), outros são-no igualmente, mas vêm de vocábulos estrangeiros (ex: “shandy” – o conhecido “panaché”, isto é, uma mistura de gasosa com cerveja e “gums” – pastilha elástica). As razões para o facto de não figurarem nas listagens dos autores consultados podem ser múltiplas. Uma delas pode radicar na grafia dada pelos falantes inquiridos. Porém, aceitá-la interessava para saber se estava atestada e verificar até que ponto coincidia com a dos vocabulários e glossários. O conjunto II reagrupa 13% das unidades que foram encontradas em apenas uma referência. Os elementos que os falantes-informantes identificaram como sendo regionalismos aparecem confirmados com a mesma grafia em, pelo menos, um dos títulos consultados. O número total obtido não é muito elevado, mas comprova a sua existência, revelando convergência. Não se questiona se têm a mesma significação, já que poderão não a ter, como se depreende de “travessa”, porque, na entrada, ocorre com a maiúscula do topónimo identificado. No entanto, as possíveis diferenças, como no caso do singular-plural de “campo”-“campos”, são apenas aparentes, uma vez que equivalem, comprovadamente, à mesma unidade. Sucede assim em “novelo(s)”, embora haja as duas possibilidades contempladas. A confusão de LS entre “fornado” e “furado” evidencia a dificuldade da transposição da fonia para a grafia. Contudo, as vibrantes (simples em “furado” [“túnel”] e múltipla ou velar em “fornado”

<sup>16</sup> Excluiu-se a maiúscula inicial em “brisa” e “coral” porque, embora sejam marcas de bebidas, representam também substantivos comuns como em “beber uma brisa/ coral”. Procedeu-se igualmente com “cubanos”.

[“nublado”]) não deveriam originar a confusão. Os elementos do conjunto III atingem os 21%. Evidenciam a correspondência gráfica entre a proposta dos inquiridos e as várias referências que comprovam a grafia, conferindo uma “ortografia” ao MAD. Convém sublinhar que algumas formas terminadas em “inha” não são diminutivos, nem “abelhinha” que se usa a par de “abelha”, nem “lapinha”, apesar de o poderem ter sido. O emprego de “carreiroiro” para “carreiro” registou-se, mas ocorreu apenas numa referência. No entanto, é preferível usar-se mais para quem trabalhava nos barcos de carreira que faziam as viagens entre a Madeira e o Porto Santo. Sabe-se que “garanito” tem uma variante bastante divulgada que é “granito”, mas esta não ocorreu em nenhuma das obras consultadas, nem na recolha de onde parte esta análise. O termo “apilhagem” não é atestado, mas está claramente ligado a “apilhar” e, portanto, considerou-se, neste ponto, que contribuiu para fixar a grafia do MAD. O que acontece no conjunto IV é que os elementos existentes, 5%, não são consensuais quanto à grafia. Há, por exemplo, duas letras que, à partida, deveriam corresponder a dois fonemas, diferenciando unidades linguísticas, mas marcam somente a existência de variantes. Resta saber qual das duas é a que se deve seguir. Os casos de “basculho” e de “vaginha” não são muito problemáticos porque as realizações “vasculho” e “baginha” não parecem ter grande relevância no dia a dia, na comunidade que se tem vindo a observar desde 1998. Por oposição, “vilhão” é a mais corrente, mas, não sendo a da norma, é preterida em detrimento de “vilão”. A dualidade “ou”/“oi” registada também é frequente na norma do Português. O caso mais difícil de resolver será, porventura, o de “boganga”/ “moganga” - “tenerifas”/ “tanarifas/ “tenarifas”, pela instabilidade que evidencia. Se no ponto IV essas variantes são reconhecidas, as unidades do ponto V (considerando, de novo, “tenerifas”/ “tanarifas/ “tenarifas”), que chegam aos 11%, possuem variantes instáveis que se alteram, graficamente, consoante os autores. São estes elementos que colocam, com maior evidência, os problemas da relação fonia-grafia, realçando a instabilidade da escrita fonética porque apresentam múltiplas possibilidades como a de “pinheco(s)”/ “pineco”/ “pinéo(s)”/ “pineca”/ “pinoca”/ “pinéu” ou a de “saruga”/ “sarimba”/ “saruma”/ “sarumba” [corruptela de “carumba”?]. O problema mais premente ocorre nos elementos identificados que levantam dúvidas (cf. conjunto VI, 4%) a nível de grafia, mas não só. Uma vez que os dados da recolha não tinham definições, por vezes, torna-se complicado saber se as entradas (com grafias bastante próximas) das referências se podem associar aos elementos colhidos. É o que acontece neste ponto.

Somando os conjuntos I, IV, V e VI, verifica-se que 66% das unidades suscitam problemas a nível gráfico, ou seja, mais de metade das unidades do apêndice.

Descrever as relações de fonia-grafia para uma variedade como o MAD que não possui ortografia, ou melhor, escrita oficialmente reconhecida, é importante, ao estudar os vocabulários. Analisar as corruptelas (trabalho de pesquisa em curso) é fundamental precisamente por isso. Há quem não as considere regionalismos e quem as elenque por ter um ponto de vista contrário. De qualquer maneira, são dados que colocam, sobremaneira, o problema da fonia-grafia, isto é, da escrita fonética. Vejam-se os seguintes exemplos recolhidos nos vocabulários de Fernando Augusto Soares (FAS), Abel Marques Caldeira (AMC) e Eduardo Antonino Pestana (EAP), sendo, decerto, estes dois últimos autores os principais cultores das corruptelas como regionalismos: “**mancheia**” (cf. AMC + FAS): Corrupção de mão cheia; braçado, referindo-se a quantidade. - *Antôino, dê-me uma mancheia de sêmilhas p'a o mê' jantar*”, “**margulho**” (cf. AMC) Corruptela de mergulho; (cf. EAP): Mergulho, “**Milher**” (cf. AMC + EAP): Corrupção de mulher; “**mêmo**” (cf. AMC + EAP): Mesmo - *isso vai dar no mêmo. - isso é mêmo assim*. Além das corruptelas<sup>17</sup>, importa igualmente analisar as realizações da linguagem popular para compreender que variantes são mais recorrentes. A frequência de uso pode ser um indicador a considerar no processo de oficialização da grafia do MAD: a criação de uma ortografia. Como se indicou de início, também se comprova, no apêndice, que: a) uma letra possui diversos valores, b) uma letra não tem qualquer valor, c) duas letras (dígrafos) ficam com um valor, d) duas letras associadas adquirem vários valores. Além disso, há também ocorrências em que duas vogais ou consoantes diferentes validam duas variantes. Contabilizam-se, também, variantes com ou sem vogal. Existem ditongações, casos de hifenização, maiúsculas, acentuações gráficas, fusões impensáveis, aglutinações improváveis, etc.

Em síntese, a escrita não consensual radica na divergência de letras para dar conta de pronúncias. Várias grafias, por vezes, não permitem fixar a sequência com as letras do alfabeto da variante predominante. A instabilidade própria da oralidade, presente essencialmente nas corruptelas, reencontra-se nas grafias, originando dificuldades porque

---

<sup>17</sup> A propósito de corruptelas, coloca-se uma hipótese. Serão as grafias dos vocábulos mirandeses próximos dos portugueses meras corruptelas? É uma ideia que parece descabida, mas, no fundo, as línguas românicas comportam essencialmente corruptelas do Latim. Vendo bem, já as unidades do Latim Vulgar são corruptelas do Latim Clássico. Este sucessivo “desgaste” não passa de uma reinterpretação da unidade que os falantes ouvem, mas que não reproduzem como no original.

cada um escreveu conforme quis. Não é seguida nenhuma ortografia, já que é inexistente para esta variedade, quando os elementos não figuram em dicionários. Em conclusão, comprova-se a necessidade de oficialização da grafia, criando a ortografia do MAD, para evitar as constantes flutuações da dinâmica da fala presentes no suporte escrito. É indispensável fazer com que todos os falantes escrevam da mesma maneira, ao empregarem determinada unidade linguística. Por exemplo, em *Ilhas Desconhecidas*, Raul Brandão escreveu “semelha”, sendo consensual “semilha” (cf. apêndice). Quando, para a variedade madeirense (tendo ou não variação interna), se lhe criar uma ortografia, moldando-lhe uma face escrita, reduzir-se-ão as dificuldades da escrita fonética que se devem, sobretudo, à produção individual. A génese da(s) escrita(s) fonética(s) parece residir na instabilidade articulatória dos falantes e uma língua ultrapassa esta, ganhando escrita ortográfica através de convenção. Procedimento idêntico terá de acontecer com qualquer variedade, nomeadamente a arquipelágica madeirense.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E *WEBGRAFIA*

- Andrade (Pardal) E. d'. (1994). Algumas Particularidades do Português Falado no Funchal. In *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística/Coimbra (1993)*. Lisboa: Colibri, 17-29.
- Caldeira, A. M. (1993). *Falares da Ilha*. Funchal: E. E. F.
- Cintra, L. F. L. (1990). Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses, 26 dez. 1990, texto ms., apres. por João David Pinto Correia no II Congresso de Cultura Madeirense, no Funchal, e transcr., com algumas alterações. In Franco, J. E. (coord.). (2008). *Cultura Madeirense: Temas e Problemas*, Porto: Campo das Letras, 95-104.
- Figueiredo, C. de (1986). *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Bertrand, 1ª ed. 1939, 23ª ed.
- Ferreira, A. (2006). *A língua mirandesa: Resposta para algumas perguntas* (Texto distribuído aos participantes do *workshop* de Língua Mirandesa, que teve lugar no Festival Intercéltico de Sendim, no dia 5 de Agosto de 2006, às 18 horas): <http://manuelcarvalho.8m.com/AFMIRANDES.html>, consultado a 01-06-2016.

- Ferreira, A. (2010). O mínimo sobre a língua mirandesa, In *Revista do Festival Intercéltico*. Sendim. <http://studosmirandeses.blogs.sapo.pt/1294.html>
- Fonseca, F. I. (1994). *Pedagogia da escrita: Perspectivas*. Porto: Porto Editora.
- Houaiss, A. & Villar, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Jardim, R. F. (1996). *Arsénico e rendas velhas*. Matosinhos: Contemporânea Jornal “Público”.
- Macedo, D. B. de (1939). *Subsídios para o estudo do dialecto madeirense*, Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, texto policopiado.
- Niebro, F. (2012). *Ars vivendi. Ars moriendi*. Lisboa: Âncora.
- Pestana, E. A. (1970). *Ilha da Madeira II: Estudos madeirenses*. Funchal: Câmara Municipal do Funchal.
- Rebelo, H. (2016). L’Écriture du Parler de Madère: quelques Représentations littéraires”. In Jacob, Daniel/Gadet, Françoise/Lodge, Anthony (éd.) : *Actes du XXVII<sup>e</sup> Congrès international de linguistique et de philologie romanes (Nancy, 15-20 juillet 2013). Section 9 : Rapports entre langue écrite et langue parlée*. Nancy, ATILF : <http://www.atilf.fr/cilpr2013/actes/section-9.html> , 157-173.
- Rebelo, H. (2014a). Património Linguístico Madeirense: Alguns Aspectos Lexicais, Fonéticos, Morfológicos e Sintáticos. In Dios, Ángel Marcos (ed.), *La Lengua Portuguesa. Estudios Lingüísticos*, vol. II, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 627-647.
- Rebelo, H. & Gomes, N. (2014b). Património Linguístico. Um Estudo Lexical na Lombada Da Ponta Do Sol. In Revista *Veredas*, n.º 21, Santiago de Compostela: Associação Internacional de Lusitanistas, 1.º semestre, 45-61.
- Rebelo, H. (2010). Acerca de Algum Vocabulário do Arquipélago da Madeira. In Petrov, Petar (Coord.), *Encontro internacional Lugares da Lusofonia*. Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve/Edições Colibri, 175-198.
- Rebelo, H. (2005-2006). A caminho do Brasil: a Madeira. Situação actual da língua portuguesa na ilha da Madeira. In revista *Xarabanda*, n.º 16, 64-73.
- Rebelo, H. (2005). *O falar de Porto Santo. Contribuição para o estudo do vocalismo e algumas considerações sobre o consonantismo*. Dissertação de doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Universidade da Madeira. Funchal, texto policopiado.
- Sainz-Trueva, J. de, et alii (2016). *Cadernos de Santiago I*. Lisboa: Âncora.

- Santos, C. (1937-1938). *Tocares e cantares da ilha. Estudo do folclore da Madeira*. Empresa Madeirense Editora Lda. Madeira.
- Silva, F. A. da (1950). *Vocabulário madeirense*. Funchal: Junta Geral do Funchal.
- Silva, A. M. (2013). *Linguagem popular da Madeira*. Funchal: DRAC.
- Sousa, L. (1950). *Dizeres da ilha da Madeira*. Funchal: ed. A.
- Vázquez Cuesta, P. e Luz, M. A. M. da (1988). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- Veiga, M. (1982). *Diskrison strutural di lingua kabuverdianu*. Lisboa: Plátano e Institutu Kabuverdianu di Livru.

## APÊNDICE

## A

- abaguear (AMS: X), (DBM: X, cf. “ABAQUIAR – cair [sic], arruinar, cair [sic] de cama. A propósito deste termo António Pestana (trab. cit.) dá a frase: “O mê João dê-lh[e] controdiá ua coisa e abaquiou, foi à cama”. (...)), (FAS: X), (LS: X)
- abelha, abelhinha (AMS: X), (DBM: “ABELHINHA – automóvel pequeno. António Pestana (trab. cit.) dá como origem deste designativo o facto de os primeiros automóveis deste género terem como marca uma abelha.), (FAS: “**Abelhinha** – Como em muitas terras do país [? Fica-se sem saber quais.] – automóvel pequeno.”), (LS: “**Abelha** – Automóvel ligeiro, de 3 ou 4 lugares, de tipo utilitário. O mesmo que ABELHINHA.”, “**Abelhinha** – Automóvel ligeiro, de 3 ou 4 lugares, de tipo utilitário. O mesmo que ABELHA.”)
- abicar/ abicar-se (AMS: “**Abicar** (abeicar) - Precipitar-se, atirar-se de um lugar alto; «ainda com s’abeique... ainda que uma pessoa se suicide... ), (DBM: “ABICAR – empurrar, deitar ao chão alguém ou alguma coisa. Quando reflexo significa atirar-se de qualquer sítio elevado com intuítos de suicídio. Formado certamente de abaquiar.”), (FAS: “**Abicar-se** – Precipitar-se. Suicidar-se.”), (LS: **Abicar** – Precipitar (pessoa ou coisa) apressar [sic]. (...).”)
- abuseirar (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- acontrodiá (AMS: “(**Acontordeia**) – Aqui no outro dia.”), (DBM: “ACONTRODAIA e AQUINTRODAIA – há dias. Formado de aqui outro dia.”), (FAS: X), (LS: X)
- ajuntar (AMS: X), (DBM: “AJUNTAR e JUNTAR – apanhar qualquer coisa do chão. C. Figueiredo regista o termo com igual significado e dá-o como brasileiro.”), (FAS: “**Ajuntar** – Apanhar ou tomar coisa caída no chão.”), (LS: “**Ajuntar** – Levantar do chão (referindo-se a coisas). (...).”)
- alanhado (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- aldeia (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- altear (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X, cf. “**Altear o papagaio** – Referência vulgar ao aumento dos géneros alimentícios.”)
- amigo (AMS: X), (DBM: “AMIGO, A – quási [sic] sempre empegado como sinónimo de amante. Parece mal e é sempre mal interpretado o nome de amigo dado por uma rapariga a um rapaz e vice-versa. O significado amoroso qua ainda hoje se atribui na Madeira à palavra deve ser reminiscência dos tempos medievos./ Embora menos vulgarmente cremos que o termo é empregado no Continente com a significação, sobretudo pelas classes baixas.”), (FAS: X), (LS: X)
- apara lápis (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- apilhagem (AMS: X), (DBM: cf. “APILHAR – apanhar, correr ao alcance de alguém. Prótese de pilhar.”), (FAS: “**Apilhar** – Alcançar. Apanhar. Encontrar.”), (LS: X, “**Apilhar** – Alcançar. Pilhar. (...).”)
- arade (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- arcas (AMS: “**Arcas** – Costas.”), (DBM: “ARCAS – as costas do corpo humano. O “Contemporâneo” cita o termo com igual significação.”), (FAS: “**Arcas** – Costelas. Vértebras.”), (LS: “Arcas – As costas; às costelas. (...).”)
- arençado (AMS: X), (DBM: X, “INCANADO (ar) – corrente de ar”), (FAS: X), (LS: X)
- arrecadas (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

- assacanhá (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X, “**Açacanhá** – Pisar com os pés. (...).”)
- atremar (AMS: “**Atremar** ou **Atramar** – Entender, perceber.”), (DBM: “ATERMAR e ATREMAR – compreender, perceber. Cântico de Figueiredo que tenha origem em têrmo [sic].”), (FAS: “**Atremar** – (Atermar) – Compreender. Entender.”), (LS: “**Atremar** – Dar atenção; prestar ouvidos; dar tino. (...) ATRAMAR; ATINAR.”)
- atupir (AMS: “**Atupir** – Enterrar.”), (DBM: X, “INTUPIR – enterrar. Usado com referência a animais.”), (FAS: “**Atupir** (Entupir cavando) – Enterrar os animais que morrem.”), (LS: “**Atupir** – Enterrar (animais ou coisas).”)
- azogado (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- azougar (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Azoigar** ou **azougar** – Morrer (falando dos animais).”), (LS: X, “Azoigar – Morrer (referindo-se a animais). (...) Nota: A palavra madeirene AZOUGAR, [sic] é uma variante de AZOIGAR.”)
- azougo (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

## B

- balamento (AMS: X), (DBM: cf. “BELAMENTE (jogo do) – jogo que se pratica com muita frequência durante a quaresma. Sobre este termo [sic] é útil ver António Pestana R. L. Port. V, VII, 245.”), (FAS: X), (LS: X, “**Belamento** – Jogo que se pratica durante a quaresma e termina ao sábado de aleluia, tendo como prémio qualquer das guloseimas da áscua. Os contendores, em número de dois, são, geralmente, namorados, mulheres ou crianças.”)
- bambiarra (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- banheira (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (FAS: X), (LS: X)
- barreta (AMS: “**Barreta** – Boné” e “**Barreta de «ninho de melro»** – Barrete redondo e pequeno, mal cobrindo a cabeça, muito usado em Santana.”), (DBM: X), (LS: X)
- basculho (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Basculho** (Vasculho) – Indivíduo de baixa condição social e de má nota. Restos de cousas inúteis.”), (LS: X)
- batata (AMS: “**Batata** – Batata doce. Na gíria dos valentões significa murro, soco: «Minha salvação que se fosse cá comeigo... largava-lhe uma batata <> [sic]. Pessoa sem elegância, alentada e pesada.”), (DBM: “batata doce. Aquilo a que no Continente se chama batata, na Madeira é conhecido por semilha. (vide este termo)./ Batata também significa panacada, estoiro.”), (FAS: “**Batata** – Significa só a batata-doce.”), (LS: X)
- batoque (AMS: “**Batoque** – Homem atarracado), (DBM: “qualquer espécie de rolha.”), (FAS: X), (LS: “**Batoque** – Rolha de garrafa, garrafão, frasco, etc.”)
- bebra(s) (AMS: X), (DBM: “figo alongado. A expressão dar bebras em Janeiro significa que qualquer coisa vem fora de tempo. Usa-se especialmente com referência aos relógios que se atrazam [sic] ou adiantam.”), (FAS: “**Bebra** – Relógio que não regula bem.”), (LS: X, “**Bêbera** – Diz-se de um relógio quando regula mal. (...).”)
- besoica (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- bilhardar (AMS: X, cf. “**Bilhardeira** ou **Belhardeira**”), (DBM: “BILHARDAR – mexericar, bisbilhotar (origem desconhecida).”), (FAS: X), (LS: X)
- bilhardeira (AMS: “**Bilhardeira** ou **Belhardeira** – Coscuvilheira.”), (DBM: “BILHARDEIRO, A – pessoa bisbilhoteira, que faz mexericos.”), (FAS: X), (LS: X)

- bilhardice (AMS: X, cf. “**Bilhardeira** ou **Belhardeira**”), (DBM: “BILHARDICE – bisbilhotice.”), (FAS: X), (LS: X)
- bisalho (AMS: “**Bisalho**, **Bisalhinho** – Nome vulgar dado aos pintainhos, mas que se aplica, frequentemente, a crianças.”), (DBM: “BISALHOS – pintaínhos [sic].”), (FAS: “**Bizalho** – Pequeno galináceo. Cousa pequena. Criança.”), (LS: “**Bisalho** – Pintaínho [sic].”)
- boganga (AMS: “**Boganga** – Moganga, espécie de abóbora-menina, de casca esverdeada ou branca. Cabeça de boganga: estúpido.”), (DBM: “BOGANGA ou MOGANGA – fruto da bogangueira, também chamada abóbora de Tenerife. Segundo afirma o Il. [sic] Mad. Vol. I, 137, o que os madeirenses chamam boganga não corresponde à boganga do Continente. Esta tem na Madeira o seu correspondente na chamada abóbora machado ou machada que, por sua vez, corresponde no Continente, segundo o testemunho de Pereira Coutinho, à abóbora chila.”), (FAS: “**Boganga** – Moganga. Uma cucurbitácea ou casta de abóbora que em Portugal chamam chila-caiota. Ventre. Barriga.”), (LS: X)
- bojinho (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- bolo do caco (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: “**Bolo do caco** – Produto madeirense de trigo, cuja massa se prepara como para o fabrico do pão. O bolo toma a forma redonda e achatada. É cozido num pedaço de rigideira ou caco de ferro e depois tostado ao calor da cinza e brazas [sic]. (...)”)
- borracheiro (AMS: X), (DBM: “BORRACHEIROS – chamam-se assim os homens que conduzem em borracheiros o vinho novo dos lagares para as adegas ou dos campos para o Funchal onde vai ser vendido.”), (FAS: “**Borracheiro** – O que conduz o «borracho» de pele de cabra.”), (LS: X)
- borracho (AMS: X), (DBM: “BORRACHOS – são peles de animais preparadas de maneira a serem utilizadas no transporte de vinhos. Daqui, por extensão analógica, o chamarem-se também borrachos e borracheiros aos homens que se embebedam frequentemente.”), (FAS: “Borracho – Odre destinado à condução de vinho.”), (LS: “Borracho – Odre; pele de cabra usada no transporte de mostos.”)
- bota d’água (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- brinquinho (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- brisa (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- bugalho (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- bujeco (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- burgalho (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- buzico (AMS: X), (DBM: “BUSICO e BUSIQUINHO – pequenino.”), (FAS: “**Busico** – Cousa pequena. Criança.”; “**Busiquinho** – Vid. «Busico».”), (LS: “**Busico** – Pequeno (criança, animal ou coisa).”)

## C

- caçarola (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X; “Caçarolo – Caçarola pequena.”; “Cacharola – Embriaguês.”), (LS: X)
- cachorro (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- caçulha (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- cadenão (AMS: X) (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- calhau (AMS: “**Calhau** – Ancoradouro de seixos.”), (DBM: “CALHAU – praia pedregosa. Todas as praias da Madeira são pedregosas, isto é, são formadas de calhaus e não

- de areia.”), (FAS: “**Calhau** – Praia pedregosa formada de pequenos calhaus rolados.”), (LS: “**Calhau** – Praia pedregosa e sem areia. (...)”)
- camalhão (AMS: X), (DBM: “CAMALHÃO – divisão dos rêgos [sic] no campo recentemente cavado.”), (FAS: X), (LS: X)
- cambado (AMS: X), (DBM: “CAMBADO – côxo [sic].”), (FAS: X), (LS: X)
- caminhar (AMS: X), (DBM: “CAMINHAR - é vulgarmente empregado como sinónimo de sair [sic]. (...)”), (FAS: X), (LS: X)
- campo (AMS: X), (DBM: “CAMPOS – são assim designadas todas as freguesias rurais da ilha.”), (FAS: X), (LS: X)
- canço (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- canelas (AMS: X), (DBM: “CANELAS – pessoa muito alta.”), (FAS: X), (LS: X, “**Canelas** – Um dos detalhes de « Oficial e Richelieu » (efeitos ornamentais empregados nos bordados da Madeira).”)
- cangueira (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Cangueira** – Cãibra.”), (LS: “**Cangueira** – Caímbra. (...)”)
- carreira (AMS: “**Carreira** – Corrida. «Vai de carreira»: vai depressa.”) (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- carreiro (AMS: X), (DBM: “CARREIREIROS – homens que conduzem os carrinhos do monte [sic].”), (FAS: “**Carreiro** – Condutores dos carros e especialmente dos «carros-do-monte».”), (LS: X)
- carreta (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X, “**Carrete** – Paga do carreto e outros serviços análogos. Frete.”), (LS: X)
- cartola (AMS: X), (DBM: “CARTOLA – vasilha pequena, em forma de barril, usada para o transporte do vinho do lagar para as adegas ( de quartola)./ Também se denomina cartola o chapéu [sic] alto.”), (FAS: “**Cartola** – Chapéu alto.”), (LS: X)
- chama (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- chinesa (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- consciência (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- coral (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- correia (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- cramar (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Cramar** – Vid. «cramação».”, “**Cramação** – Acto de lamentar-se. Lastimar-se.”), (LS: “**Cramar** – O mesmo que «CLAMAR».”)
- cubano(s) (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

## D

- demitado (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Demitado** – Limitado. De propósito. Expressamente.”), (LS: “Demitado – Ir a qualquer parte com um objectivo único, previamente estabelecido. (...) Nota: Talvez de DELEMITADO [sic].”)

## E

- emazelado (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- embrugado (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- enfiado (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Enfiado** – Lívido. Tomado de susto.”), (LS: X)
- engalgado (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X, “**Engalgada** – Vid. «Engalgue».”, “**Engalgue, ar** [sic] – Terreno da construção das paredes exteriores de um edifício.”), (LS: X, “**Engalgar** – Diz-se de uma casa quando acabou a obra de

pedreiro. (...) «ENGARGAR A PAREDE» com a significação de TERMINAR A PAREDE.”)

“enpedir” [sic] (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

espetada (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Espetada** – Pequenos nacos de carne enfiados num «espeto» e postos a assar numa fogueira.”), (LS: X)

espigue(s) (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

expedir (AMS: X), (DBM: X, “ESPEDIR-SE – despedir-se.”), (FAS: “**Expedir** – Soltar-se. Desprender-se. Sair.”), (LS: “**Expedir** – Diz-se quando uma coisa cai das mãos. Desenvolver-se. (...)”)

## F

fazenda (AMS: X), (DBM: “FAZENDA – qualquer espaço de terreno cultivado (regressivo de fazendeiro).”), (FAS: X), (LS: X)

feiteira (AMS: X), (DBM: “FEITEIRA – feto muito comum nas serras da Madeira, utilizado para adubo.”), (FAS: X), (LS: “**Feiteira** – Feto muito comum na Madeira. A feitaira é utilizada como adubo e para cama de animais.”)

filitar (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X, “**Filito** – Um dos pontos de costura de bainhas.”)

forrado (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: “**Forrado** – Diz-se do estado atmosférico, quando as núvens [sic] ou o nevoeiro escondem o céu [sic] ou as serras.”)

fraina (cf. freima?) (AMS: X), (DBM: X, “FREIMA – desgosto [sic], aborrecimento.”, “FREIMÃO – fleimão.”), (FAS: X, “**Freimão** – Grande «freima». Grande aflição.”), (LS: X, cf. “Freimaço – Impaciência; arrelia; inquietação. Notas: a) De «Freima»./ b) (...) diz que esta palavra é de origem madeirense.”)

francelho (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

freima (cf. fraina)

fresco (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X), (LS: X)

furado (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Furado** – Túnel.”), (LS: “Furado – Diz-se quando uma nuvem [sic], isolada, paira no céu límpido [confusão com “forrado”?]. Tunel. (...)”)

## G

gadelha (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

gamelão (AMS: X), (DBM: “GAMELÃO – côcho [sic] do porco.”), (FAS: “Gamelão – Vasilha de cantaria (pedra) em que se deita o alimento aos suínos.”), (LS: X)

garanito (AMS: X), (DBM: “GARANITO – é apelido de família e espécie de bordado.”), (FAS: “Garanito – Pontos salientes nos bordados.”), (LS: X)

gastalho (AMS: “**Gastalho** – Pernadas de certas árvores onde são amarradas as «pinhas, [sic] de milho pelas próprias forras interiores. Pessoa magra que cresceu muito em altura: «Que gastalho de pequena!».”), (DBM: X), (FAS: “**Gastalho** – Pessoa alta. Ramo de árvore despido de folhas.”), (LS: “**Gastalho** – Homem alto e magro. Ramo de árvore, seco e sem folhas.”)

gorgomilho (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

grade (AMS: X), (DBM: “GRADE – cão.”), (FAS: “**Grade** – Cão.”), (LS: “**Grade** – Cão; à grade: vadiar. (...)”)

granha (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

grogue (AMS: “**Grogue** – Bebida à base de aguardente; aguardente.”), (DBM: X), (FAS: “**Grogue** – Pequeno copo dessa [sic -> “grogada”] bebida equivalente a 0, 07 l.” -> “**Grogada** (Do inglês «grog») – Aguardente.”), (LS: X)  
gums (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

## H

horário (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: “**Horário** – Diz-se dos automóveis [sic] de transporte colectivo de passageiros.”)

## I

impeno (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)  
inhame (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)  
injuriado (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Injuriado** – Envergonhado. Corrido de vergonha.”), (LS: X)  
injúrio (AMS: cf. “**Injúria** – Maroto, malandro: «Seu injúria!».”), (DBM: X), (FAS: X, “**Injúria (uma)** – Palavra muito ofensiva e de grande descrédito.”), (LS: X, “**Injúria** – Fraco; pequeno; insignificante. (...)”)

## L

lambeça (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)  
lapinha (AMS: “**Lapinha** – Presépio.”), (DBM: “**LAPINHA** – presepe. [sic]”), (FAS: “**Lapinha** – Presépio do Natal.”), (LS: “**Lapinha** – Presépio. (...)”)  
levada (AMS: cf. “**Levadas** – Pequenos canais de água de rega.”), (DBM: “**LEVADA** – curso de água. (...)”), (FAS: “**Levada** – Aqueduto que conduz a água para a irrigação.”), (LS: X, cf. “**Levadeiro** – Homem que cuida das levadas e da distribuição das águas de regadio.”)  
lar (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

## M

malaiá (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)  
mamada (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)  
mamulho (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X, “**Mamulhão** – Protuberância resultante de contusão.”)  
manta/ mantas (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Manta** – Ave de rapina. Rego largo para a cultura de certas plantas.”), (LS: “**Manta** – Águia pequena, conhecida no continente por «Águia de asa redonda.»”)  
marca(s) (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)  
matança (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)  
mato (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)  
morganho (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

## N

novelo(s) (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Novelos** – Hortências.”), (LS: X)

## O

“olho de bóí” (AMS: “**Olho de boi** – Lanterna de mão, a pilhas.”), (DBM: X), (FAS: X),  
(LS: “**Olho-de-boi** – Diz-se das lanternas, de tipo holofote.”)

## P

- panasco (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Panasco** – Ervas ou plantas rasteiras.”), (LS: X)  
 parreira (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)  
 passada(s) (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)  
 pastilha (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)  
 patinar (AMS: X, cf. “**Pisar** – Ofender, magoar, ferir. Pisar, no sentido mais corrente de calcar com os pés, é substituído por “patinhar”. «Patinhaste o cão e ele pisou-te!»: pisaste (as patas ou o rabo do cão) e ele mordeu-te (ou feriu-te).”), (DBM: X, “**PATINHAR** – pisar (de patinar).”), (FAS: X, “**Patinhar** – Pôr os pés sobre certos objectos.”), (LS: X)  
 peniscar (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)  
 pesquita (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X, “**Pesquito** – Pescador. Natural da freguesia de Câmara de Lobos.”), (LS: X, “**Pesquito** – Homem que se emprega na faina da pesca. Natural da freguesia de Camara [sic] de Lobos: Charnota.”)  
 pia (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Pia** – Vasilha de pedra porosa para filtrar a água.”), (LS: X)  
 picado (AMS: X, cf. “Passo picado: passo curto e rápido.”), (DBM: X), (FAS: “**Picado** – Com vestígios de varíola no rosto.”), (LS: X)  
 pimpinela (AMS: X), (DBM: X, “**PEPINELA** – chuchú [sic] (de pepino ?). (...).”), (FAS: X), (LS: X)  
 pinheco (AMS: X), (DBM: “**PINHECOS** e **PINÉOS** [sic] – pintainhos [sic] (de piar ?).”), (FAS: X, cf. “**Pineca, Pinoca** – Galinha pequena em crescimento.”, “**Pinéu, Pineco** – Frango ou pequeno galináceo.”), (LS: X, “**Pineco** – Bisalho; pintainho.”)  
 pisado (AMS: X, cf. “**Pisar**” em “patinar”), (DBM: X, “**PISAR** – magoar, malhar.”), (FAS: X, “**Pisar** – Esmagar. Partir em pequenos fragmentos.”), (LS: X)  
 pissa (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)  
 poço (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)  
 poio (AMS: X), (DBM: “**POIO** – pedaço de terreno cultivado.”), (FAS: “**Poio** – Pequeno trato de terreno.”), (LS: “**Poio** – Socalco.”)  
 poncha (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Poncha** – Bebida preparada com água, aguardente, açúcar e limão.”), (LS: “**Poncha** – Bebida feita com aguardente, açúcar, limão e água. (...).”)  
 prisão (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

## Q

- quadro (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)  
 quarto(s) (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

## R

- rainar (AMS: cf. “**Reinar**: Zangar-se. «Andar reinando»: estar zangado.), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X, cf. “**Reinar** – Encolerizar-se; zangar-se. (...)”)
- reina (AMS: cf. “Reinar”), (DBM: “REINA – zanga.”), (FAS: “**Reina** – Raiva. Zanga.”), (LS: X)
- relaxado (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- resondar (AMS: X, cf. “**Resonda** – Descompostura, reprimenda.”), (DBM: “RESONDAR – descompôr [sic] alguém, dar a alguém apelativos pouco eufónicos.”), (FAS: “**Resondar** – Ofender asperamente por palavras. De «Resonda.»”), (LS: “**Resondar** – Insultar; descompor. (...)”)
- restolho (AMS: “**Restolho** – Colmo, palha”), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- revalhar (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- roleta (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

## S

- saloia (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: “**Saloia** – Diz-se da rapariga vestida com traje regional.”)
- saruga (AMS: X), (DBM: “SARIMBA e SARUGA – as fôlhas [sic] acerosas do pinheiro.”), (FAS: “**Saruga** – Ramos ou agulhas dos pinheiros. O mesmo que «Sarimba». Vid. «Saruma.»”, “**Saruma** – Idem.”, “**Sarimba ou Sarumba** – Traços ou agulhas dos ramos de pinheiro.”), (LS: X, “**Sarimba** – Folha de pinheiro bravo. O mesmo que CARUMBA.”)
- segurelho (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- semilha (AMS: “**Semilha** – Batata.”), (DBM: “SEMILHA – batata. (...)” ), (FAS: “**Semilha** – Batata, com exclusão da batata doce. Pancada com a mão no tronco.”), (LS: “**Semilha** – Batata. (...)”)
- sereno (AMS: X), (DBM: “SERENO – orvalho.”), (FAS: “Sereno – Condensação do vapor de água sem chuva.”), (LS: X)
- shandy (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- soeira (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- somenos (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: “**Semenos** – **Somenos** – Mau. (...)”)

## T

- tabaibo (AMS: X), (DBM: X, “TABAIIBEIRA – planta da família dos cactos, de grandes dimensões. Os frutos – tabaibos – doces [sic] e muito sumarentos, são muito apreciados.”), (FAS: X, cf. “**Tabaibas** – Orelhas grandes.”), (LS: “**Tabaibos** – O fruto da tabaibeira. (...)”)
- tameira (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)
- tanerifa (AMS: X), (DBM: X, “BOGANGA ou MOGANGA – fruto da bogangueira, também chamada abóbora de Tenerife. (...)”), (FAS: “**Tanarifa** - «Boganga». Moganga.”), (LS: X, “**Tenerifa** – boganga.”)
- terraço (AMS: X, cf. “**Tarraço** – Malandro, debochado. Aparece muito associado à palavra «bêbado». «Bêbado tarraço» designa um alcoólico inveterado.”), (DBM: X), (FAS: X, “**Tarraço** – Alcoólico inveterado. Dado à embriaguês.”), (LS: X, “**Tarraço** – Homem dado a embriaguês.”)

tornadouro (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Tornadouro** – Os diversos pontos em que a água entra nas terras para o efeito da irrigação.”), (LS: “**Tornadouro** – Abertura nas levadas, para fazer derivar, oportunamente, o curso das águas de regadio.”)

tranca (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X, “**Trancas** – Os pés.”), (LS: X, cf. “**Trancas** – Os pés. (...)”)

trancelim (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

tratuário (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

travessa (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: “**Travessa** – Diz-se do mar compreendido entre a Madeira e o Porto Santo.”)

tressale (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

## V

vaginha (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Vaginha** ou **Baginha** – Feijão e seu invólucro em meio crescimento.”), (LS: “**Vaginha** – Feijão verde em vagem; feijão carrapato. (...)”)

vapor (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “**Vapor** – Praga impetuosa.”), (LS: X)

vasilha (AMS: “Pessoa pouco séria, alocada, amiga de pândegas. (Aplica-se só aos homens). - «Fulano? Aqueilo é um vasilha de se lhe tirar o chapéu. – Boa rolha, não há dúvida».”), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

venda (AMS: X), (DBM: “VENDA – tenda (de vender).”), (FAS: “**Venda** – Merceria.”), (LS: “**Venda** – Merceria. (...)”)

verga (AMS: X), (DBM: X), (FAS: “Verga – Fio de metal.”), (LS: X)

vigia (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

vilão/vilhão (AMS: X), (DBM: “VILHÃO (vilão) – nome vulgar por que é conhecido o camponês da Madeira.”), (FAS: “**Vilão** – O habitante dos campos.”), (LS: “**Vilão** – O habitante de qualquer das freguesias rurais.”)

viração (AMS: X), (DBM: X), (FAS: X), (LS: X)

## X

xarola (AMS: X, cf. “Charola: Espécie de pinha, feita com frutos ou produtos hostícolas.”), (DBM: X), (FAS: X, cf. “**Charola** – Pequena armação de madeira ou vimes coberta com frutos e diversos produtos da terra destinada a despesas feitas em festas religiosas.”), (LS: X, cf. “**Charola** – Armação de arame, coberta de frutos e legumes, que o povo oferece à igreja, para leilão, pelas festas e romarias.”)

## Z

zaralho (AMS: X), (DBM: “ZARALHO, A – pessoa desleixada.”), (FAS: “**Zaralho** – Pouco apurado no vestuário e nos movimentos.”), (LS: X, cf. “**Zaralha** – Mulher desleixada. (...)”)

